



# TOCADA PELA LUA

SÉRIE  
LOBOS DO ZODÍACO  
LIVRO 1

AUTORA BEST-SELLER NEW YORK TIMES  
ELIZABETH BRIGGS

# TOCADA PELA LUA

SÉRIE  
LOBOS DO ZODÍACO  
LIVRO 1

AUTORA BEST-SELLER NEW YORK TIMES  
ELIZABETH BRIGGS

COPYRIGHT © 2021 ELIZABETH BRIGGS  
COPYRIGHT © 2023 EDITORA CABANA VERMELHA  
TÍTULO ORIGINAL: MOON TOUCHED

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução total ou parcial em qualquer formato.

Este livro foi publicado mediante acordo com a agência KT Literary e Elizabeth Briggs.

Lobos do Zodíaco 1

**Diretora Editorial:** Elaine Cardoso

**Tradução:** Sara Lima

**Preparação:** Leticia Campopiano

**Revisão:** Bárbara Pinheiro

**Capa:** Denis Lenzi

**Diagramação:** Grazi Fontes

Esta obra foi revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa do autor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

# Sumário

- [1](#)
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)
- [6](#)
- [7](#)
- [8](#)
- [9](#)
- [10](#)
- [11](#)
- [12](#)
- [13](#)
- [14](#)
- [15](#)
- [16](#)
- [17](#)
- [18](#)
- [19](#)
- [20](#)
- [21](#)
- [23](#)
- [24](#)
- [25](#)
- [26](#)
- [27](#)
- [28](#)
- [29](#)
- [30](#)
- [31](#)
- [32](#)

[Sobre a autora](#)

# 1

Como uma loba do Zodíaco, meu destino estava ligado às estrelas. Pena que as minhas estrelas mais indicavam infortúnios do que felicidade. Ser a pária da alcateia Câncer me ensinou isso até demais.

O mar avançou para encontrar meus pés descalços como um filhote ansioso tentando ganhar o afeto de seu tutor. Cavei os dedos dos pés mais fundo na areia fria e olhei para a água. Era linda, não dava para negar, mas não da maneira que o resto da minha alcateia havia dito. Membros da alcateia Câncer falavam do seu apelo, como se algo bem dentro deles respondesse. Para mim era uma visão bonita, nada mais. Eu podia fotografar quanto quisesse, mas nunca parecia conseguir captar a essência de que falavam.

Minha única esperança era a próxima Convergência, que libertaria minha loba. Se pudesse sentir a conexão com o mar que o resto da minha alcateia sentia, talvez também começasse a parecer que eram meu povo. Neste momento, não passavam de estranhos. Às vezes, mais pareciam inimigos.

Deixei de lado a solidão. Poderia me consumir com facilidade, se deixasse. Em vez disso, eu me concentrei no oceano escuro mais uma vez, tentando enquadrar uma foto. A lua apenas resvalava o horizonte, lançando reflexos sobre a água que ondulava a cada respiração do mar. Era realmente pacífico e, mesmo que não sentisse uma atração pelo mar, sentia pela lua. Apenas isso me fez perceber que eu pertencia à alcateia Câncer, mesmo que nada mais fizesse. Não que ninguém mais na alcateia concordasse comigo.

Levantei a câmera, decidindo tentar tirar algumas fotos antes que a lua subisse mais. Devia estar em casa, fazendo as malas para a Convergência, mas, em vez disso, estava aqui, tirando fotos. Usaria qualquer desculpa para sair de casa por um tempo.

Prendi a respiração ao tirar a foto, tentando deixá-la bem focada. Tirei outra logo em seguida, só por garantia, e abaixei a câmera para olhar a tela pequena. Antes que pudesse decidir qual foto era melhor, um farfalhar nos arbustos me alertou de que não estava sozinha. Eu me afastei da água,

tentando ver o que havia causado o distúrbio. Por um momento, nada se mexeu e pensei que tivesse sido um animal.

Algo escuro explodiu do mato, e dei um passo involuntário para trás. Um grande lobo cinza trotou na minha direção e mais três formas escuras se juntaram em uma onda de pelos e garras. *Droga*. Era tarde demais para correr e, além disso, eu não estava usando sapatos. Embora não tivesse problema correr na areia descalça, não podia dizer o mesmo das rochas afiadas mais acima. Se quisesse ficar em segurança, teria que passar por eles.

Os quatro lobos me cercaram como se eu fosse sua presa antes de voltar às suas formas humanas. O líder do grupo, Brad, era musculoso e intimidador mesmo quando não estava em sua forma de lobo. Com cabelos loiros e olhos azuis, seria bonito se não parecesse estar sempre prestes a brigar com alguém. Os outros dois homens eram os capangas dele, Owen e Chase, e me olhavam com desprezo estampado em seus rostos muito menos atraentes. A companheira de Brad, Lori, era o quarto membro do grupo, já que sempre se agarrava a ele como uma craca. Estavam todos nus após a transformação, mas nenhum deles se incomodou com isso, e exibiam o símbolo de Câncer com orgulho – as marcas da alcateia do Zodíaco. Brad carregava a marca no peito, já os outros as tinham nos braços. E havia eu, que não tinha nenhuma marca.

— Ayla — Brad disse meu nome com um rosnado. — O que você está fazendo aqui sozinha?

Uma pontada de ansiedade me percorreu. Brad nunca era amigável, e não estaria falando comigo se não quisesse alguma coisa. Sendo o filho do beta canceriano, ele me desprezava. Tecnicamente, eu estava acima dele na hierarquia, mas ninguém se importava.

Lori deu uma risadinha e brincou com o cabelo loiro-acobreado perfeito. Estava ao lado de Brad, com a mão possessiva em seu braço. Enquanto eu tentava avaliar minhas chances de escapar ilesa, Owen e Chase me observavam. Todos faziam parte do mesmo círculo, filhos e filhas dos membros mais influentes da alcateia Câncer. Eu era a única que não era convidada, embora devesse estar na linha de frente, por ser a filha do alfa. Em vez disso, ter sangue humano me tornou a pária da alcateia.

— Fiz uma pergunta, vira-lata — rosnou Brad, chutando areia em mim.

Xingando baixinho, segurei minha câmera mais alto, tentando evitar que a areia atingisse a lente. Wesley tinha acabado de comprar essa lente para mim na última vez que me visitou, e eu não podia deixar esses idiotas a estragarem.

— Sinto muito — retruquei. — Não sabia que sua estupidez exigia resposta. Qualquer pessoa com dois olhos e função cerebral básica pode ver o que estou fazendo. Mas é óbvio que te falta um desses. Ainda não tenho certeza de qual.

Brad se moveu muito rápido para eu contra-atacar, e me empurrou no chão. Caí com força, meu cotovelo amortecendo o pior do impacto enquanto eu segurava a câmera na tentativa de salvá-la. *Foi por isso mesmo que Mira me disse para manter a boca fechada*, pensei ao tentar rolar para longe – e cheguei bem aos pés de Chase. Merda. Ele me chutou com força no estômago e a dor me envolveu quando me enrolei em posição fetal por instinto.

— Onde está sua carapaça canceriana? — perguntou Chase ao me chutar outra vez. — Ah, verdade, você não tem.

Arquejei, tentando recuperar o fôlego.

— Obrigada pelo lembrete, idiota — consegui dizer.

Quando ele me chutou outra vez, eu me enrolei em volta da câmera, tentando protegê-la e as minhas partes mais delicadas. Os outros se juntaram a ele, e cerrei os dentes, me conformando com a surra. Não era diferente das outras que tinha suportado. Fechei os olhos e tentei respirar, apesar da dor. Logo tudo acabaria. Eles não me matariam, não importava o quanto me odiassem. Para o bem ou para o mal, eu ainda era da alcateia.

Esse plano foi pelos ares no momento em que a câmera foi arrancada das minhas mãos. Meus olhos se abriram e lutei para me levantar, empurrando Chase e Owen para longe enquanto Lori balançava a máquina na minha frente.

— Você gosta de tirar fotos, não é, vira-*latinha*? — perguntou ela.

— Não! — gritei, estendendo a mão para a câmera, mas ela a afastou, fora do meu alcance. — Pode fazer o que quiser comigo. Apenas me devolva a câmera.

Lori jogou a máquina na areia.

— Acho que não. A vira-lata precisa aprender o lugar dela, de uma vez por todas.

Senti um punhado de golpes de Brad, batendo nas minhas costas e me fazendo cair de joelhos. Pude apenas observar Lori pisar na câmera com sua força de metamorfa. Os sons de vidro e plástico quebrando eram piores do que os sons de socos e chutes.

Algo dentro de mim se quebrou. Aquela câmera era a minha única ligação com o mundo exterior, com um mundo onde ninguém me julgava pela minha herança mestiça ou por ter nascido sob as estrelas erradas. Era a única coisa que me trazia alegria e me dava a menor sensação de liberdade.

Rosnei, mostrando os dentes para os quatro, pronta para lutar. Eles devem ter percebido a mudança no meu comportamento, porque recuaram e se posicionaram na defensiva. Não conseguiria enfrentar todos – diabos, sem a carapaça crustácea canceriana que tinham, eu mal conseguiria enfrentar um. Mas a raiva que fervia no meu sangue não me deixaria fugir disso como se tudo estivesse bem. Algo sombrio dentro de mim acordou e subiu à superfície, algo selvagem e perigoso, implorando para ser libertado. Um poder que eu já tinha sentido antes, que sempre quase conseguia tocar. Talvez agora fosse a hora. A tensão fervia no ar, estalando entre nós, esperando o momento perfeito para explodir.

— Ei! — O grito veio de longe, mas foi o bastante para distrair a todos nós.

Lori se afastou de onde ainda estava com o pé nos cacos quebrados da minha câmera e rosnou algo ininteligível. Minha melhor amiga, Mira, correu em nossa direção, os longos cabelos pretos esvoaçando atrás dela como uma cortina. Ela estava de biquíni como se fosse nadar. *Sério?* Não pude deixar de pensar. *Em um momento como este?* Sabia que ela adorava nadar, mas estávamos nos preparando para a Convergência.

— Que diabos você pensa que está fazendo? — perguntou Mira, parando ao meu lado. Seus olhos estavam nos outros lobos, mas eu sabia que a pergunta era para mim.

— Fique fora disso, Aquino — rosnou Brad. — Caia fora se sabe o que é bom pra você. Estamos ensinando à vira-lata a lição que ela implorou desde o momento em que nasceu.

— De jeito nenhum — disse Mira. Teimosa e leal, ela nunca soube quando se afastar de uma luta, sobretudo quando eu estava envolvida. Ficava do meu lado, mesmo que não concordasse com o motivo da briga.

Olha quem fala. Eu faria o mesmo por Mira em qualquer circunstância. Mesmo assim, ela não devia ter vindo até aqui. Esta era minha batalha, e ela poderia ter sérios problemas se fosse vista enfrentando o filho do beta. Já havia sido punida uma vez pelo alfa – não precisava de outro ponto negativo.

— Mira — falei baixinho. Ela se contorceu, então soube que tinha me ouvido, mas não se virou para me olhar. — Você precisa ir — continuei, embora soubesse que ela não ouviria uma palavra do que eu dissesse. — Por favor.

— Se você tem um problema com Ayla, também tem um problema comigo — anunciou Mira, e também assumiu uma posição defensiva. Não ia mesmo deixar isso passar. Suspirei e segui seu exemplo, erguendo os punhos outra vez.

Brad olhou entre nós por um momento e riu.

— Nenhuma de vocês ganharia. Vocês ainda nem têm os seus lobos.

— Sim, mas ainda vamos dar uma surrinha em vocês — eu disse, forçando as palavras através da dor persistente com um sorriso selvagem. Então, deixei meus olhos caírem. — Aposto que pelo menos uma de nós consegue acertar um joelho nas bolas, com as suas penduradas assim.

Brad rosnou para mim e suas mãos se transformaram em garras. Mira me olhou como quem diz: *sério?* Encolhi os ombros. Ela implicaria mesmo comigo por ser tagarela quando era quase tão ruim quanto eu?

Ela revirou os olhos, mas depois se virou para Brad e acrescentou:

— Você quer mesmo arriscar bem antes da Convergência?

Lori pisoteou minha câmara na areia mais algumas vezes antes de voltar até Brad.

— Não vale a pena — murmurou ela, apenas alto o bastante para que eu ouvisse. — Acho que ela entendeu a mensagem.

Brad olhou entre nós duas e depois de volta para Lori.

— Você tem razão. Ela não vale o nosso tempo e, com sorte, em breve será problema de outra alcateia.

Ele se transformou de volta em um lobo e os outros o seguiram, depois correram para as rochas e adentraram os arbustos. E, simples assim, a tensão se esvaiu do ar, deixando todo meu corpo latejando de dor, e uma câmara quebrada – tudo o que eu tinha conseguido com minha língua afiada.

Meus ombros despencaram e, antes que eu percebesse, meus joelhos estavam cedendo. Procurei pela areia tentando examinar os pedaços quebrados da câmera, mas não havia nada que pudesse ser recuperado. Deixei todos passarem pelos meus dedos enquanto tentava afastar lágrimas de raiva.

Mira se agachou ao meu lado, apoiando a mão nas minhas costas.

— Minha nossa — murmurou ela enquanto absorvia os hematomas que se formavam nos meus braços. — O que disse desta vez?

— Eles apareceram do nada — respondi. — Mesmo que eu tivesse sido legal, eles ainda teriam implicado comigo por alguma coisa.

— Sabe, se não os atormentasse, eles talvez te deixariam em paz, pra começo de conversa — disse Mira. — Vivo dizendo isso pra você.

Ela me ajudou a levantar, deixando a mão no meu ombro enquanto eu cambaleava, tentando recuperar o fôlego e o equilíbrio.

— Não consigo evitar. — Queria pegar mais pedaços da câmera, mas para quê? Lori tinha quebrado tudo de um jeito irreparável. — Eles falam tanta merda. Estão quase implorando para que eu fale isso na cara deles.

— Não deviam estar falando assim de você. Você é a filha do alfa, e eles precisam responder por isso.

— É, claro. Você sabe que meu pai é pior ainda. — Olhei para meus braços. As novas contusões só se somaram às que se desvaneciam, cortesia do alfa. Desde que me lembro, ele vinha deixando hematomas por todo meu corpo. Mas nunca no rosto. Ele precisava manter as aparências, e espancar a filha não combinava muito bem com a graciosa persona alfa que ele trabalhava duro para preservar. Mas todos sabiam que ele me tratava como uma pária, e ele não se importava quando pessoas como Brad se comportavam da mesma maneira. Mira estava zangada por mim, mas há muito tempo eu havia aceitado o fato de que nunca seria a filha que ele queria. Era minha sina, e tentava não me deixar abater.

Eu sabia por que ele me batia, mesmo que não fizesse nenhum sentido lógico. *Eu* não tinha pedido para nascer metade humana, mas meu pai adorava me punir pelo caso que tivera com minha mãe, mesmo que eu não tivesse voz no resultado. Tudo em mim era um lembrete constante do seu erro. Meu aniversário fora das datas cancerianas, minha falta de marca do Zodíaco e minha ausência de habilidades da alcateia facilitavam para que me odiasse.

A companheira dele, Jackie, achava até meu cabelo ruivo ofensivo. Peguei uma mecha dele, que se debatia na brisa leve. Isso me diferenciava de todos outros da família e servia como um lembrete constante de que meu pai havia feito merda e engravidado uma humana. Tentei dizer isso uma vez, quando estava com raiva e minha boca tinha – uma vez mais – tomado conta. Tudo o que ganhei foi um machucado no rosto de Jackie.

Mira ainda estava focada nos hematomas, preocupando-se com eles como a mãe que eu nunca tive.

— Devem melhorar antes da Convergência — decidiu ela depois de um tempo. — Você tem sorte de eu ter decidido vir nadar antes de partirmos amanhã. Quem sabe o que teria acontecido se tivessem conseguido o que queriam.

— Não importa — eu disse, dando de ombros e voltando até onde estavam meus sapatos e minha jaqueta. — Os hematomas apenas provam que eu não sou uma verdadeira canceriana. Eu poderia convocar a carapaça se fosse. — A carapaça crustácea era uma habilidade canceriana que todos os membros da alcateia tinham desde o nascimento, permitindo que se protegessem. Todos, menos eu. Suspirei. — Pelo menos assim que eu tiver minha loba, vou me curar mais rápido.

— Muitas coisas vão mudar depois da Convergência — disse Mira baixinho.

A Convergência acontecia duas vezes por ano, nos solstícios de verão e inverno, e era o momento em que todas as doze alcateias do Zodíaco se reuniam para debater problemas, reconhecer novos alfas das alcateias e abençoar bebês recém-nascidos, entre outras coisas. Esta Convergência aconteceria no solstício de verão, um dia antes do início da temporada canceriana, e seria em Montana, no território das Bruxas do Sol.

Mira e eu finalmente conseguiríamos nossas lobas na Convergência também, agora que nós duas tínhamos 22 anos e éramos consideradas maiores de idade. Éramos as únicas cancerianas recebendo nossas lobas nesta Convergência – todos os outros membros da alcateia receberam no solstício de inverno. Exceto eu, é claro. Nasci em março, outro sinal de que eu não pertencia a esta alcateia.

Quanto a Mira, ela também deveria ter conseguido sua loba no solstício de inverno, mas tinha sido forçada a esperar mais seis meses, tudo porque seu pai havia desafiado o alfa em algo com o que não concordava. Mira não

estava envolvida, mas meu pai sabia que a punir seria um golpe para toda família dela. Não foi justo, mas era assim que nosso alfa agia. E, quando ele dava um comando alfa, tínhamos que obedecer.

Havia outro acontecimento na Convergência também, o ritual de acasalamento, quando qualquer um que tivesse recebido seu lobo poderia tentar encontrar o companheiro predestinado. Eu esperava mais que tudo que meu companheiro – se sequer tivesse um – fosse de outra alcateia. Faria quase qualquer coisa para me afastar do meu pai e do resto dos metamorfos cancerianos.

— Espero conseguir um companheiro na mesma alcateia da sua — disse Mira, seus pensamentos seguindo o mesmo raciocínio que os meus. Ela dizia isso tantas vezes que eu quase esperava. Fiz um barulho de afirmação, mas não disse nada. Queria ficar com ela, é claro. Mas, se ela acabasse por ter um companheiro na alcateia Câncer e eu não, isso não me deixaria muito triste. Sair daqui era minha prioridade máxima.

Era a única coisa em que eu e o meu pai concordávamos. Ele queria que eu desaparecesse daqui tanto quanto eu queria ir embora.

— Espero que você acabe sendo problema de outra alcateia — começou a dizer ele no momento em que fiz 22 anos.

Pensar no meu pai fez com que meu humor azedasse. Precisava voltar antes que ele mandasse alguém vir me buscar. Eu me virei para Mira e lhe lancei o que esperava ser um sorriso convincente.

— Aconteça o que acontecer na Convergência, sempre seremos amigas e nunca perderemos contato.

Mira cantarolou, alegre, segurando minha mão e nos afastando da praia. Sabia que ela tinha boas intenções, mas, quando se acomodasse com o companheiro, as coisas mudariam. Sempre mudavam. Nós nos afastaríamos, mesmo que acabássemos na mesma alcateia, e o pensamento fez um arrepio de injustiça percorrer meu corpo.

Olhei de relance para o oceano e para a areia mexida onde Brad e sua gangue vieram atrás de mim. *Alguma vez sentirei que pertencço de verdade a um lugar?*

## 2

Coloquei na mala as últimas roupas de que precisaria para a Convergência e a fechei. Olhei em volta, tentando descobrir se tinha deixado algo para trás. Eu não tinha muitas posses, e o fato de elas caberem nessa bolsa era muito triste. Nunca tive muito de nada, preocupada demais que meu pai destruísse minhas coisas em um acesso de raiva, e tudo o que era importante era mantido em arquivos digitais no celular ou na nuvem. Todas as minhas fotografias ficavam guardadas lá, e isso era o que mais importava.

Uma batida na porta me tirou dos meus pensamentos. Entrei em pânico instantâneo, pegando a mala e me preparando para fugir no momento em que a porta se abrisse.

— Ayla?

Sorri com a voz e relaxei. Meu irmão, Wesley, era a única pessoa nesta família que não me fazia mal.

— Entra.

Ao entrar, ele sorriu para mim, seu sorriso quase o mesmo do que eu me lembrava da minha infância. Wesley era quatro anos mais velho, mas sempre pareceu muito maior, mesmo antes de ter o estirão de crescimento durante a puberdade e ficar cheio de músculos ágeis. Ele tinha se mudado para seu próprio apartamento há alguns meses, e parecia que eu nunca mais o via, mesmo que voltasse para nos visitar com bastante frequência. Crescer aqui tinha sido melhor por sua causa e, além de Mira, ele era a única outra pessoa na alcateia Câncer que se importava comigo.

— Wesley! — gritei e me joguei nos braços dele. Ele me abraçou com força, um pouco apertado demais, e eu arquejei.

Meu irmão recuou, com a testa franzida.

— Bateram de novo em você.

Wesley olhou de volta para a porta. Ele odiava como nosso pai me tratava, e sempre tentava ser gentil comigo para compensar. Era quase o bastante.

— Nada com o que eu não possa lidar — eu disse, puxando a alça da bolsa. Meus livros de viagens e fotografia estavam ao lado dela, ainda

esperando para entrar na mala. Estava hesitando em trazê-los comigo ou deixá-los aqui. Ficaria pesado se eu tivesse que andar muito, mas, agora que Wesley estava aqui, eu sabia que precisava trazê-los comigo. Não havia outra opção.

A fotografia sempre foi minha paixão. Amava ser capaz de capturar a beleza em um disparo, para apresentar ao mundo através dos meus próprios olhos, e Wesley se certificou de incentivar isso. Meu pai sempre deixou bem claro que eu era uma pária, sobretudo na minha própria casa. Era um bom ano se ele me comprasse roupas novas – depois que havia parado de crescer, ele às vezes passava anos sem me comprar nada novo. Mesmo quando as costuras estavam rasgando e havia buracos evidentes, ele continuava me forçando a usá-las. A comida também era mantida a um mínimo e, além disso, todos os outros luxos de que eu deveria ter desfrutado estavam ausentes. Sem celular, sem computador, nem mesmo quando precisei para a escola.

No momento em que fiz 16 anos, meu pai me enviou para trabalhar no mercado da cidade e fez todo meu salário ser desviado para ele. O pagamento por me aturar, como ele sempre dizia. Tê-lo como pai e alfa da alcateia tornou impossível eu conseguir fazer qualquer outra coisa. Eu não podia cuidar de mim mesma ou agir pelas suas costas, porque ele era a autoridade suprema. Tudo o que precisava fazer era usar seu comando alfa, um poder único concedido aos alfas de cada alcateia, e todos tinham que executar suas ordens. Inclusive, eu.

Wesley tinha sido o único que me comprara coisas legais. Quando demonstrei interesse em fotografia ainda jovem, ele me comprou livros sobre o assunto. Debrucei-me sobre eles, devorando cada um vorazmente. Muitas vezes, ele pegava os velhos de volta e me trazia novos, já que ter muitos livros causaria suspeitas em nosso pai. Mas ele me deixava ficar com os que eu gostava de verdade. Até havia fingido quebrar o celular uma vez para que pudesse me dar e, quando eu lhe contei que queria ir para a faculdade comunitária local, ele me comprou uma câmera e disse:

— Vá.

A única razão pela qual fui capaz de conseguir um diploma foi devido à sua ajuda. Wesley convenceu nosso pai de que não seria bom para a filha do alfa não ir para a faculdade e, com relutância, ele permitiu que eu fosse. Fiquei sempre ouvindo falar do desperdício de dinheiro que era a minha

educação, mas valeu a pena a longo prazo. Passei a mão nos livros, observando Wesley sorrir enquanto se lembrava de trazê-los para mim.

— Guardou sua câmera?

— Ela quebrou. — Olhei para baixo, a tristeza me preenchendo. Se eu tivesse ficado de boca fechada, era provável que ainda a tivesse. Empurrei as emoções de lado. Não podia deixar ninguém ver o quanto Brad e os outros valentões me afetavam, nem mesmo Wesley. Eu lhe lancei um sorriso, tentando torná-lo convincente. — Pelo menos eu não preciso mais dela para a faculdade. Posso usar a câmera do celular, mesmo que seja velho.

— Você nunca teria deixado cair — comentou Wesley, franzindo a testa outra vez. — Quem quebrou?

— Ninguém — respondi, dando de ombros. Tentei disfarçar, parecendo casual demais, mas Wesley sempre foi bom em identificar minhas mentiras.

— Sei que não vai me contar. — Ele suspirou e eu relaxei, não querendo tentar desconversar. Ainda era cedo, e eu não estava bem acordada. — Quando eu for o alfa da alcateia Câncer, as coisas vão mudar. Vai ser melhor, prometo.

Bufei e balancei a cabeça.

— Queria acreditar nisso. — Coloquei os livros na mala e a fechei de novo. — Mas quem sabe quando isso vai acontecer?

Minha única esperança agora era encontrar meu companheiro na Convergência. Se fosse alguém de outra alcateia, eu poderia sair do território Câncer, mas, mesmo que fosse alguém desta alcateia, eu nunca mais teria que voltar para esta casa. Nunca me senti em casa mesmo.

Olhei para Wesley e dei um sorriso torto.

— Ei, se eu me acasalar com alguém de outra alcateia, talvez eu possa comprar um telefone novo para que possamos manter contato. Um que não está rachado, pra variar.

Wesley riu, embora parecesse mais forçado do que o normal. Sabia que meu irmão queria que eu ficasse aqui com ele, mas Wesley apenas não entendia. Por mais gentil que fosse comigo, não compensava todos os outros sendo imbecis o tempo todo.

— Você deveria fazer isso. — Ele fez uma pausa, passando a mão pelo cabelo castanho brilhoso. — Vim buscar você. Nossos pais já estão no carro, e você sabe como odeiam esperar.

Claro. Era provável que já estivessem irritados por eu os estar atrasando, mesmo que o sol mal tivesse nascido. Balancei a cabeça e saí do meu quarto sem olhar para trás. Tinha sido um lugar para dormir e me esconder nos últimos vinte e dois anos, nada mais. Eu não tinha um lar, ainda não. Esperava encontrar um logo. Claro que, com minha sorte, provavelmente estaria de volta aqui quando a Convergência terminasse.

Tranquei a porta da frente e Wesley se aproximou dos nossos pais, que diziam algo que eu não conseguia escutar. Sair da varanda da frente parecia definitivo, embora eu não soubesse ao certo se encontraria meu companheiro quando minha loba fosse libertada. Algumas pessoas tiveram que esperar anos até que o companheiro chegasse à maioridade, e um grupo muito pequeno nunca nem teve companheiros. Rezei para não estar nessa categoria, mas também não me surpreenderia.

Quando me aproximei do SUV, meu pai estava me lançando um olhar sombrio, com a boca pressionada numa carranca. Quase podia ouvi-lo dizer: *apresse-se, mestiça inútil*. Podia sentir os olhos de Jackie em mim também, cheios de ódio, enquanto esperava que eu entrasse no carro. Suspirei. Ia ser uma longa viagem.

Gostaria de ter ido com Mira, mas quando me atrevi a perguntar ontem à noite, meu pai rosnou e disse que eu nem devia me relacionar com ela. A família dela estava no fundo da hierarquia da alcateia agora, graças às ações do pai. Além disso, meu pai precisava que eu fosse com ele, tudo para manter as aparências, é claro.

Havia outros veículos estacionados na nossa longa garagem, todos esperando e prontos para partir a qualquer momento. Estavam todos à minha espera. Não sabia que tantos dos cancerianos iam conosco dessa vez. O beta e a família ficariam para trás, então pelo menos não precisaria lidar com Brad, mas havia várias outras pessoas que seriam hostis. Pelo menos eu teria Wesley e Mira comigo, e a oportunidade de conhecer vários de outras alcateias.

— A viagem vai levar umas quinze horas — disse Wesley enquanto eu entrava no banco de trás ao lado dele. Fiquei muito feliz ao descobrir que ele viria conosco quando enviou a mensagem para me avisar. Mesmo que meu irmão tivesse conseguido o lobo há quatro anos, ele estava vindo por minha causa.

— Está com sua mala? — perguntou meu pai. Seus olhos azuis encontraram os meus no retrovisor. Embora os partilhássemos, sabia que tudo o que ele via quando olhava para mim era o seu erro humano, não sua filha.

— Sim.

— E pegou tudo? — continuou ele, retorcendo o lábio como se falar comigo estivesse lhe trazendo desconforto físico.

— Sim — repeti.

— Ótimo. Com alguma sorte, não voltará aqui. Mal posso esperar para entregá-la a outro pobre coitado. Deixe que seja o problema deles.

— Amém — resmungou Jackie, apenas alto o bastante para que eu pudesse ouvir. Não conseguia vê-la, já que ela estava sentada no banco bem na minha frente, mas não me atrevi a revirar os olhos. Ela gostava de socar, e não se importava de me bater no rosto.

Wesley me deu um sorriso tenso, mas desviei o olhar dele e, pela primeira vez, fiquei calada. Nunca tinha ido a uma Convergência antes — meu pai nunca me deixara ir, nem mesmo quando Wesley atingiu a maioridade — e aguentaria o tormento deles por mais algumas horas. Com sorte, seria a última longa viagem de carro com eles.

No caminho, procurei minha câmera uma dúzia de vezes antes de realmente registrar que eu não a tinha mais. Queria capturar a beleza da paisagem que passava depressa, e absorvi todas as vistas da viagem, tentando não perder nem um só segundo. Quando entramos em Seattle, quase vibrei no meu assento tentando conter a emoção por estar ali. Nunca tinha ido a outro lugar além do território canceriano na costa norte de Vancouver, e com certeza nunca para os Estados Unidos. Havia passado a vida lendo sobre cidades como Seattle, e desejei poder congelar este momento para sempre numa foto. Até tirei algumas fotos com o telefone, embora a qualidade nunca fosse chegar nem perto da minha câmera.

Sempre tive a ideia mal-acabada no fundo da mente de que fugiria para uma cidade grande nos Estados Unidos para escapar da minha vida. Era um plano meio formado, na melhor das hipóteses, mas era tudo o que eu podia fazer para tornar minha existência suportável. Sonhava acordada em vir para os Estados Unidos e me esconder da alcateia Câncer para sempre em uma das áreas onde não havia lobos. Agora eu sabia que era apenas uma fantasia para escapar da realidade, sem um pinga de lógica. O melhor que

podia esperar era um companheiro em outra alcateia, e eu ainda teria que ver a alcateia Câncer a maior parte do tempo. Não conseguiria escapar por completo, não de verdade.

Logo as cidades desapareceram e atravessamos para as áreas mais rochosas de Montana. O sol estava se pondo e estávamos nos aproximando. Wesley havia adormecido ao meu lado, e eu queria cutucá-lo com o cotovelo para que ele pudesse compartilhar minha antecipação enquanto passávamos por uma pequena estrada através de uma floresta densa, as árvores se fechando sobre nós. De repente, emergimos em uma enorme clareira coberta de tendas, e preni a respiração ao ver todos os metamorfos ali.

Tínhamos chegado à Convergência.

### 3

Ao estacionarmos, estiquei o pescoço para ver o resto dos carros, minhas pernas doloridas por causa da viagem longa. Estava ansiosa para sair do carro e escapar do peso opressivo que o preenchia. Lá fora, havia tendas por toda parte, cobrindo cada centímetro do terreno, e eu nunca tinha visto tantas pessoas antes em um mesmo lugar fora de uma cidade. A emoção me percorreu e se misturou com a ansiedade que se acumulava há semanas. Todo meu destino dependia do que aconteceria na Convergência.

Saí do carro e me alonguei, removendo do corpo a tensão da viagem e absorvendo as vistas e os aromas da floresta de Montana ao redor do acampamento. Ela me lembrava um pouco do território canceriano, embora as árvores fossem diferentes aqui e não houvesse cheiro de água salgada no ar. Alguns lobos passaram por mim na floresta, e vi de relance a marca da alcateia Aquário antes que desaparecessem.

Deixei a mala no carro, já que estava tão pesada, e planejei voltar para buscá-la mais tarde. Segui meu pai e Jackie pelo estacionamento com Wesley ao meu lado. Nossos olhares se encontraram quando andávamos pelos carros. Ele sorriu para mim, sua empolgação transbordando. Era tão contagiante que afastou a maior parte da minha ansiedade.

— Anime-se, Ayla — disse ele. — Já estamos aqui.

Balancei a cabeça e relaxei um pouco. Se ele não estava nervoso, eu também não precisava ficar. Ele já tinha passado por isso, e me passaria qualquer informação importante. Além disso, amanhã eu finalmente teria minha loba, permitindo que eu me tornasse meu verdadeiro eu. Não havia razão para me preocupar. Não é mesmo?

— Não faça nada idiota — falou Jackie por cima do ombro. — Todos os olhos estarão nos alfas e nas suas famílias. Sobretudo em Wesley, como o herdeiro.

— É, não queremos que ninguém suspeite que não somos a família nuclear perfeita — retruquei, o sarcasmo escorrendo de cada palavra.

Meu pai se virou e levantou a mão como se estivesse prestes a me bater, mas depois se conteve. Olhou de relance para todas as pessoas próximas, antes de falar em um rosnado baixo:

— Tome cuidado, Ayla. — Ele infundiu poder nas palavras, dando-me um comando alfa que envolveu minha garganta com força, obrigando-me a obedecer. — Ou você vai se arrepender.

— Pai, pare — disse Wesley, movendo-se para ficar ao meu lado. Ele não podia desafiar nosso pai oficialmente, a não ser que quisesse lutar pelo papel de alfa. O que talvez acabaria com um deles morto. Toquei no braço de Wesley para mostrar que estava tudo bem, não podia suportar a ideia de perdê-lo. Algum dia, ele seria alfa, mas, até lá, eu poderia lidar com isso.

Continuamos andando, fingindo que nada estava errado, mas não conseguiria relaxar enquanto estivesse perto dos meus pais. Mal podia esperar para me afastar deles. Era uma das vantagens de vir para a Convergência – eu não precisava sempre ficar perto da minha alcateia. Teria uma ideia de como seria viver entre pessoas que não odiavam a minha existência. Sem dúvida, nem todas as alcateias tinham as mesmas visões tóxicas em relação aos metamorfos metade humanos. Eu sabia que não podia ser a única. Quanto mais nos misturávamos com os humanos, mais provável era que houvesse relações entre as espécies.

Quanto mais nos aproximávamos, mais organizada a confusão aleatória das tendas se tornava, e um padrão começava a surgir. Estandartes estavam presos no chão com símbolos do Zodíaco para representar as diferentes alcateias. O acampamento havia sido dividido em quadrantes representando os quatro elementos, e fomos nos juntar aos outros signos de água.

Serpenteando entre as tendas havia centenas de metamorfos tanto nas formas humanas como de lobo, todos representando cada uma das doze alcateias. Metamorfs de todas as idades se misturavam com as outras alcateias, compartilhando refeições, rindo juntos e dançando sob o sol como se estivessem em um festival de música. Eu nunca tinha sentido tanta camaradagem entre membros de alcateias diferentes, mesmo aqueles que tinham boas relações. A Convergência era um território neutro, e ninguém precisava se preocupar com possíveis esquemas ou ataques. Lutar era proibido aqui, e as Bruxas do Sol garantiam que todos seguissem as regras.

Meu pai chamou um metamorfo pisciano e perguntou onde deveríamos nos acomodar, mas eu estava muito focada em tentar assimilar tudo ao meu redor para ouvir os detalhes da conversa. O macho apontou para o lado norte da clareira, bem lá nos fundos. Meu pai assentiu e começamos a caminhar pelas tendas piscianas e escorpianas até a área canceriana.

Reconheci mais pessoas do que achei que fosse. Muitos dos diferentes alfas tinham visitado nossa casa desde que me lembro. Havia sempre assuntos para resolver, disputas de terras para lidar, alianças para negociar e recursos para distribuir. A alcateia Câncer era uma das maiores, e tínhamos alianças com as alcateias Peixes, Capricórnio e Aquário. Tínhamos uma rivalidade – ou pior – de longa data com a outra alcateia maior, a Leão, juntamente com seus aliados, as alcateias Áries, Touro e Escorpião. Os lobos do Zodíaco restantes – Gêmeos, Virgem, Libra e Sagitário – eram neutros no momento, mas as alianças mudavam o tempo todo. No final da Convergência, tudo poderia estar diferente de novo.

Passamos pelos alfas aquariano e pisciano em uma conversa séria e, antes que eu pudesse me lembrar da última vez que os vi, Mira veio correndo. Parei, deixando o resto da minha família avançar um pouco para nos dar a aparência de privacidade. Não faria muito, não com tantos metamorfos por perto. No entanto, nunca recusaria uma oportunidade de me distanciar dos meus pais.

— Ayla — disse ela, os olhos brilhando enquanto dançava ao meu redor, quase saltando da própria pele. — Acredita em quantos metamorfos vieram este ano?

— Não — respondi, sorrindo de volta para ela. Seu bom humor era contagiante e, apesar das quinze horas torturantes que acabara de passar no carro com meu pai e Jackie, eu me animei. — É incrível. Eu sabia que havia muitos metamorfos nas doze alcateias, mas ver todos juntos faz parecer que, de alguma forma, a gente poderia enfrentar o mundo inteiro.

Mira baixou a voz e me puxou para mais perto dela.

— Você viu todos os lindos aqui? — perguntou ela, olhando para um grupo de homens mais jovens da alcateia Escorpião enquanto passavam por nós, nenhum deles usando camisas. — Humm... que beleza. *Eles* com certeza andaram treinando.

Ri quando um deles olhou por cima do ombro e lançou um sorriso torto para Mira. Ela olhou para baixo, recatada, mas pude ver a alegria em seu olhar. Abri a boca para dizer que ela não estava sendo tão sorradeira quanto pensava, mas pensei melhor. Por que estragar a diversão? Quase todos aqui já tinham seus lobos e ouviriam até o sussurro mais baixo.

Como se para provar o meu ponto de vista, Wesley olhou para nós com um sorrisinho. Ele continuou adiante com meu pai e Jackie, mas nenhum

deles estava longe o suficiente para não ter escutado o comentário de Mira. Felizmente, nossos pais estavam muito envolvidos na conversa, mas não tive tanta sorte com meu irmão. Wesley revirou os olhos para mim, mas o sorriso em seu rosto mostrava sua diversão, e o rosto de Mira corou de vergonha. Olhei dela para Wesley com as sobrancelhas levantadas. Suspeitava que ela tinha uma quedinha pelo meu irmão há algum tempo, e ela tinha acabado de me confirmar isso.

Balancei a cabeça. Não era como se eu pudesse enganá-la. Wesley gostava de flertar, e todos sabiam disso. Ela teria que lidar com ele sozinha. Ele ainda não tinha encontrado sua companheira e aproveitava isso ao máximo. Queria saber se secretamente ela esperava que fossem acasalados amanhã. É claro que metade da diversão da Convergência era se perguntar quem seria seu companheiro na cerimônia de acasalamento – se você tivesse um.

— Vamos — eu disse. — Vamos montar nossas tendas.

Antes que eu pudesse me mover, alguém passou por mim me empurrando com força, quase me derrubando. Cambaleei para a frente, os instintos conseguindo impedir a queda. Quando olhei para cima, um homem grande e musculoso, de cabelo loiro, avançava com os amigos. Ele lançou um olhar por cima do ombro, e foi puro veneno.

— Olha por onde anda — disse ele. — Ou, melhor ainda, fique fora do caminho.

Recuperei meu equilíbrio, a raiva borbulhando dentro de mim com o tom odioso como um condicionamento clássico. Aguentei mais do que o suficiente dos membros da minha própria alcateia falando comigo assim por toda a minha vida. Vim aqui para mudar isso, para encontrar a conexão que me faltava, e minha primeira interação com outro membro de alcateia foi alguém que pensou que estava tudo bem me tratar como a alcateia Câncer fazia. Nem pensar.

— *Você olhe por onde anda* — retruquei. Ele já estava se afastando como se não esperasse que eu lhe respondesse nada, mas, com minhas palavras, fez uma pausa e se virou por completo, os olhos em chamas.

Caramba, ele era atraente. Eu me peguei dando uma olhada em seu corpo, apesar de duvidar que nos daríamos bem se ele falava com desconhecidos como tinha feito comigo. Era alto, musculoso e bronzeado, com cabelos loiros que estavam à beira de serem longos e selvagens. Sem

dúvida, ele passava muito do seu tempo dando ordens por aí em lugares abertos.

Olhou para mim de cima a baixo e depois repuxou os lábios com um grunhido.

— Você é a pária na alcateia Câncer, não é? Reconheceria os olhos de Harrison em qualquer lugar, e você tem o cabelo da sua mãe humana. — Pronunciou a palavra *humana* como se fosse um xingamento. Ah, sim, outra lembrança de casa. Seja qual for a alcateia da qual ele fazia parte, fiz uma anotação mental para nunca me associar a eles.

Levantei o queixo e o encarei.

— E você é só mais um valentão que acha que não tem problema em implicar com alguém que acredita estar abaixo de você. Não preciso do seu nome. Suas ações falam alto o suficiente.

A mão de Mira agarrou a minha e a apertou com as palavras. Foi um aviso silencioso. *Cuidado*. Eu não queria ter cuidado. Não importava quem era esse idiota, ele poderia saber minha opinião.

Um rosnado baixo percorreu o grupo de homens reunidos ao redor do cara, e a tensão se tornou palpável no ar. *E lá se vai a paz*. Consegui acabar com ela momentos depois de pisar no acampamento.

— Ei — disse Mira, dando um passo na minha frente, estendendo a mão livre em súplica. — Nada de brigas aqui, lembra? Estamos em terreno neutro.

O cara balançou a cabeça, o nojo escorrendo dele de forma quase tangível.

— Você tem sorte de estarmos na Convergência. Em qualquer outro lugar, teria dado à sua amiga metade humana a surra que ela merecia.

Algo dentro de mim morreu com as palavras. Esperava que, fora da alcateia Câncer, minha herança não fosse tão importante, mas aqui estava eu, lidando com os mesmos preconceitos que sofria no dia a dia. Nunca escaparia dessa merda, não é?

O cara me deu mais uma olhada enojada antes de se afastar. Os outros machos o seguiram, quase como se ele os comandasse. Este macho estava no topo da sua alcateia, e me irritava que idiotas como ele estivessem no poder tantas vezes. Com um suspiro, afastei o encontro da minha mente. Se eu tivesse sorte, não precisaria lidar com ele de novo.

Wesley correu até nós, a preocupação estampada no rosto. Colocou a mão no meu ombro e olhou para os metamorfos.

— O que acabou de acontecer?

— Nada — resmunguei, cutucando Mira para que avançasse. — Ele era um idiota, eu mandei o cara dar o fora. O idiota não sabia como dizer “com licença” em vez de “sai do meu caminho”.

— Não devia se meter com ele. — A mão de Wesley apertou meu ombro, passando de reconfortante para um aviso. Quando olhei para ele, seus olhos estavam sérios. — Aquele é Jordan, da alcateia Leão.

Enquanto observava o grupo em retirada, eles saíram do caminho principal onde a bandeira leonina fora plantada no chão, uma confirmação instantânea das palavras de Wesley.

— Bem, Jordan, da alcateia Leão, precisa aprender boas maneiras — resmunguei, me virando. — Não importa o quanto ele não goste de mim, ainda sou filha de um alfa. Sei que leoninos e cancerianos se odeiam, mas estamos na Convergência. Devíamos estar nos dando bem. Só um leonino para tentar trazer a rivalidade entre nossos clãs para o meio disso.

— Você não entende — disse Wesley com a testa franzida. — Aquele é Jordan *Marsten*. O próximo na sucessão para o alfa da alcateia Leão. Não se deve mexer com ele. Fique longe.

Isso explicava como ele sabia exatamente quem eu era. Afastei a mão de Wesley.

— Ficarei longe se ele me deixar em paz. Não quero ter nada a ver com os leoninos.

Quando eu era apenas um bebê, as alcateias Câncer e Leão travaram uma guerra entre si até que as outras intervieram e os forçaram a entrar em uma trégua. Não houve um vencedor, claro, e por causa disso, nunca houve nenhuma resolução concreta. A animosidade ainda pairava entre as nossas alcateias como uma nuvem escura.

Passei a minha infância ouvindo meu pai reclamar da alcateia Leão e do alfa. Pelo visto, Dixon Marsten estava o tempo todo tramando maneiras de nos enfraquecer ou, melhor ainda, assumir nossa alcateia de vez. Não sabia se era verdade ou se meu pai estava paranoico. Ambos os alfes se recusaram a esquecer o passado, sempre culpando a alcateia rival por qualquer coisa ruim que acontecesse, e isso perpetuava o antigo ódio. Meu pai estava sempre tramando, metade da sua energia dedicada a tentar lidar

com a alcateia Leão, de uma vez por todas. Quase todas as reuniões que aconteciam em casa tinham algo a ver com conquistar aliados contra a alcateia Leão ou tentar fazer com que as neutras se juntassem a nós. Havia outras rivalidades entre o resto das doze alcateias do Zodíaco, mas ninguém tinha tantas razões para se odiar quanto leoninos e cancerianos. Até os elementos eram inimigos naturais – fogo e água.

Balancei a cabeça. Eu não tinha idade para me lembrar do pior da guerra, então não entendia a dinâmica tão bem quanto outros membros da alcateia. Nunca tinha visto os leoninos realmente fazerem algo conosco em anos, mas os esquemas, a manipulação e o ódio continuaram. Talvez fosse porque eu era uma pária da alcateia, mas nunca entendi por que o passado não podia ser esquecido.

Segui Mira e Wesley até a bandeira canceriana. As pessoas estavam montando tendas em quase todos os lugares que percorríamos. A Convergência começava amanhã, durante o solstício de verão, e a maioria das pessoas já havia chegado, embora algumas fossem chegar durante a noite. Tivemos sorte de a Convergência ser até que perto do território canceriano este ano. Para ser justo, as Bruxas do Sol mudavam de local todas as vezes, fazendo um rodízio entre seis pontos diferentes para que não mostrassem favoritismo entre as alcateias. No solstício de inverno anterior, a alcateia Câncer teve que sair um dia mais cedo apenas para chegar a tempo, e dirigiram a noite inteira.

Como se pensar nas Bruxas do Sol as tivesse conjurado, observei seis mulheres em vestes fluidas caminharem. Metamorfos saíam do caminho para elas, ficando em silêncio e inclinando a cabeça com respeito. Quase pude sentir a diferença no ar enquanto elas passavam. Olhei sorrateiramente para elas enquanto passavam, embora tivesse sido melhor manter os olhos no chão.

Todas as alcateias adoravam o deus do sol Hélios e a deusa da lua Selene, e as bruxas eram evidências concretas de uma conexão com o divino. Eu nunca tinha visto uma em carne e osso, mas fui criada com histórias de seu poder surpreendente, como todos. Eram aliadas dos lobos do Zodíaco, ao contrário das Bruxas da Lua, e era aterrorizante pensar no que aconteceria se *não fossem*.

Uma das bruxas se virou para me olhar ao passar, seus olhos de uma cor tão pálida que pareciam absorver tons do próprio ar ao seu redor. Minha

respiração ficou presa na garganta, o coração batia descontrolado. Eu não conseguia desviar o olhar. Algo se contorceu dentro de mim, tentando sair em desespero. Parecia que eu tinha sido pega fazendo algo errado e meu corpo estava me obrigando a gritar para todos ouvirem.

O momento passou, seus olhos deslizando por mim quase como se eu não estivesse lá. Recuperei o controle da respiração e a sensação estranha desapareceu. Olhei para Mira, que não parecia ter sido afetada da mesma forma que eu. Talvez fosse porque eu era metade humana? Balancei a cabeça e tentei tirar a sensação estranha da minha mente. Talvez eu estivesse sendo paranoica.

Fiz uma oração silenciosa para as bruxas de qualquer maneira. Elas tinham uma conexão melhor com os deuses do que eu jamais poderia esperar ter e, assim, poderiam distorcer o destino de acordo com seus desejos. *Seja qual for o deus que me escutar, por favor, deixe eu me acasalar com alguém em uma alcateia que me trate bem. Eu só quero que minha vida melhore.* Era uma coisa simples, tão simples. Eu não poderia ter esse golpe de sorte depois de anos presa no meu próprio inferno pessoal?

E se eu não conseguisse um companheiro... Bem, pelo menos teria minha loba e seria capaz de me defender melhor. Eu me tornaria mais forte e rápida e, se ficasse presa na alcateia Câncer, poderia fugir e ser mais esperta do que todos que quisessem me machucar.

Isso teria que bastar.

## 4

Acordei com Wesley me sacudindo. Nem me lembrava de ter adormecido na noite anterior. Todos ficamos acordados até tarde montando as tendas e acomodando as pessoas, e então Mira e eu ficamos observando os outros metamorfos por horas, antes de, por fim, rastejar para nossas tendas e apagar.

— Você disse que queria ver as Bruxas do Sol abençoarem os bebês — disse Wesley quando resmunguei em protesto. — Está quase na hora.

— Não sabia que seria tão cedo — resmunguei enquanto me arrastava para fora do saco de dormir. Eu não era uma pessoa matinal, de jeito nenhum, mesmo nos melhores dias. Se dependesse de mim, ficaria acordada a noite inteira e dormiria o dia todo.

Wesley ajudou ao me informar que as barracas de comida ficavam perto de onde as Bruxas do Sol realizavam os rituais, e eu estava curiosa sobre as bênçãos, já que nunca tinha visto magia em ação antes. Encontrei Mira lá fora, que parecia quase tão sonolenta quanto eu, seus olhos escuros ainda nublados e sem o brilho habitual. Apesar do cansaço, ela já tinha um sorriso no rosto, e não pude deixar de sorrir também. Hoje era a Convergência, e tudo mudaria.

Não tinha mais como piorar, não é?

O cheiro de ovos e bacon exalava das tendas de comida, e o murmúrio da conversa nos avisou que estávamos indo na direção certa. Agarrei o braço de Mira, a empolgação tomando conta de qualquer receio, e antes que qualquer uma de nós percebesse, estávamos na fila para tomar café da manhã junto com dezenas de outros metamorfos que eu não reconhecia.

Nem prestei atenção à comida que estava pegando, muito focada na fila de pessoas que traziam seus recém-nascidos um de cada vez para o grupo silencioso de Bruxas do Sol, todas com vestes de cores quentes sob a luz do sol da manhã.

Mira e eu encontramos um ponto na grama nas proximidades ao mesmo tempo em que uma fêmea taurina dava um passo à frente. Fiz uma pausa, um pedaço de torrada erguido a meio caminho dos lábios, enquanto a Bruxa do Sol pegava o bebê nos braços, embalando-o de leve. O bebê se mexeu

por alguns instantes, inquieto, mas a Bruxa do Sol o silenciou suavemente, colocando os dois primeiros dedos na testa dele. Fechou os olhos e murmurou algo, baixinho demais para qualquer um ouvir. Houve uma ligeira mudança no ar, como algo se estabelecendo, e um brilho suave cercou os dois, como um raio de sol caindo sobre eles.

Se a Bruxa do Sol não abençoasse a criança, ela seria vítima da maldição da Bruxa da Lua e se tornaria selvagem nas luas cheias. Era importante que todos os bebês fossem abençoados, ou passariam o resto de suas vidas em agonia, enlouquecendo com as luas cheias, acordando sem se lembrar do que fizeram enquanto estavam transformados. Desta forma, quando nossos lobos fossem libertados, permaneceríamos no controle o tempo todo, sem que a Maldição da Lua nos transformasse nos monstros raivosos do mito.

Mais três bebês foram abençoados, e aquela mudança no ar acontecia toda vez. Não eram as mãos impetuosas e faíscas ardentes que eu imaginava em meus devaneios, mas essa magia sutil era quase tão inspiradora quanto o que eu pensava. Todas as vezes, a metamorfa pegava de volta seu filho, sorria para ele e saía com uma expressão sonhadora no rosto.

Mira me cutucou.

— Vamos. Já vimos o suficiente. Acho que uma delas está olhando feio para nós.

Olhei para Mira e segui o movimento de seu queixo. Era a mesma Bruxa do Sol que eu tinha notado olhando para mim ontem, seus olhos desbotados focados bem em mim. Engoli em seco, a garganta de repente ressecada, e me levantei sem demora, limpando a grama da calça jeans. O mesmo sentimento de pânico me seguiu enquanto voltávamos para as tendas de comida para jogar fora os pratos de papel.

— Quais são os seus planos para hoje? — perguntei. Esperava que quisesse ir explorar comigo, mas Mira sempre foi mais sociável e gostava de passar tempo com outros metamorfos, em vez de na floresta. Eu desconfiava de outros metamorfos, sempre preocupada que me abordassem de um jeito ruim em vez de ser amigáveis comigo – e quase sempre tinha razão. Mira era uma metamorfa de sangue puro, tinha seus poderes cancerianos e não tinha a mesma língua afiada que eu. Podia ganhar o coração de qualquer pessoa com seu sorriso gentil.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tocada pela Lua"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).